

ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

O antagonismo belicoso das potências imperialistas

O monstruoso tratado de paz firmado em Versalles, após a guerra, tem sofrido com tratados e convenções posteriores tão rudes golpes que se pode considerar derroto. A Europa, que não lucrou politicamente com uma bárbara guerra de quatro anos, que continua sofrendo horrivelmente as suas consequências económicas, que se debate numa prolongada convulsão social, — a Europa vive numa paz artificial, uma paz que traz iminentes guerras terribres.

O capitalismo e o imperialismo continuam desabando, como antes de 1914, sobre a humanidade inconsciente, a ameaça, mil vezes homicida, de guerras iniciais. O desarmamento é uma questão de detalhe, e o detalhe da questão é o interesse imperialista de uma potência em antagonismo ao interesse imperialista de outra potência.

Agora andam os governos de Berlim, Paris e Londres discutindo o belicoso detalhe. A solução que procuram é o consentimento que a Alemanha deseja para reforçar o seu armamento. Quere dizer, a Alemanha reclama que esse o regime de limitação dos seus armamentos.

O governo francês que melhor disposto se encontra a favorecer a Alemanha. Não custa muito saber-se porquê. Para o Sul, há um país de nacionalistas desvairados que lhe ameaça territórios e interesses. Esse país também sustenta uma belicoso rivalidade com os alemães. A aliança oportunista de franceses e alemães, com o fim de guerra e vencer o inimigo de todos, torna-se uma eventualidade cada vez menos divulgada. A França tem, pois, o maior interesse em "estudar" as reivindicações da Alemanha...

Mas o governo alemão reclama a abolição da fiscalização inter-alliada na armaria, e reclama também a revisão do tratado de Versalles de forma a negar-se a culpabilidade da Alemanha na iniciativa da última guerra.

Os imperialistas alemães não suportam que a França tenha no efectivo 21 homens por cada mil, ao passo que a Alemanha apenas 2 por mil pode contar...

É em volta do consentimento de se armar a Alemanha que a diplomacia de Londres, Paris e Berlim, anda fazendo um largo jôgo de palavras e subtilezas, um jôgo em que se empêna a paz europeia. A paz — se o capitalismo tem o seu grande interesse nos antagonismos belicosos...

O domínio do capitalismo**Uma conferência económica de carácter explorador**

LONDRES, 25.—A federação das indústrias britânicas fez várias declarações públicas acerca da próxima conferência entre os seus representantes e os do Reichsbank e da indústria alemã, a realizar-se em Setembro. Segundo as mesmas declarações, a conferência nada tem de comum com a recentemente realizada em Roma, mas é a sequência aos acordos feitos no passado verão e um natural e lógico desenvolvimento das amigáveis relações que desde há algum tempo têm existido entre as duas organizações. A conferência terá especialmente um carácter "explorador", sendo seu principal objectivo o debate sobre a forma e o grau em que as duas organizações, representantes de todas as indústrias dos seus respetivos países, podem cooperar no mútuo interesse de todas as indústrias. Serão provavelmente consideradas várias propostas para a terminação da guerra na Europa dos preços de competência. Afirmam-se também que os representantes alemães desejam discutir algumas das questões económicas que serão submetidas à conferência económica da Sociedade das Nações, e que devem reunir-se em Maio do próximo ano. —(L.)

Um governo preocupado de negócios

BRUXELAS, 25.—O governo mostra-se vivamente preocupado com o equilíbrio da balança comercial, procurando desenvolver as exportações, em virtude da estabilização da divisa cambial ter dado efeitos contrários aos esperados. A estabilização produziu um certo adormecimento da actividade económica, prevenindo-se a fusão de numerosas empresas industriais, a fim de ser melhorada a mão de obra, a sua maquinaria e a organização comercial. —(L.)

A fala de um caixearo viajante

BUDAPEST, 25.—Discursando numa reunião eleitoral, o conde Bethlem declarou que a Hungria necessita estabelecer boas relações económicas com os países vizinhos, conchinhando tratados de comércio, especialmente com a Iugoslávia. O chefe do governo disse ainda necessário que a Hungria obtenha a paridade de direitos com as outras nações europeias, abolindo-se a fiscalização militar inter-alliada e adoptando o desarmamento geral. —(L.)

Tudo serve para mercar

LONDRES, 25.—O segundo dia de venda das coleções artísticas do falecido lord Michelham rendeu ontem 432.000 libras, na sua quase totalidade em pagamento de 15 quadros. —(L.)

A política burguesa e... outra**Uma partida aos patriotas franceses**

PARIS, 25.—Na Câmara dos Deputados, o deputado comunista alsaciano, Hueber, levantou um violento incidente, pronunciando em alemão um discurso em que acusava o sr. Poincaré e o governo francês de haverem maltratado a Alsácia. (H.)

Uma «blague» de Mr. Briand

PARIS, 25.—O sr. Briand, falando na comissão dos estrangeiros do Senado, afirmou de novo que a política externa da França é inspirada por um espírito amigável, declarando ao mesmo tempo que a constituição dos Estados Unidos da Europa seriam a única garantia contra a ameaça da Áustria-Páris. —(H.)

Um vice-rei mal recebido

CALCUTA, 25.—O conselho municipal rejeitou por 20 votos contra 12 a proposta de apresentação de boas vindas ao novo vice-rei, quando da sua chegada a esta cidade a 10 de Dezembro próximo. —(L.)

Adolfo Diaz entre mexicanos

MÉXICO, 25.—O ministro dos negócios estrangeiros declarou que o governo mexicano se recusa a reconhecer o sr. Adolfo Diaz como novo presidente da República de Nicarágua. —(L.)

INSTRUÇÃO

Nomeações

O sr. Luís Alfredo Pires Cardim foi exonerado, a seu pedido, de professor agregado do terceiro grupo dos liceus, e foi nomeado, em concurso, professora efectiva do liceu feminino de Lisboa, a professora agregada do mesmo grupo sr. D. Esméria da Encarnação e Sousa.

Universidade Livre

Estão a funcionar com regularidade os cursos fixos que esta colectividade mantém, e que foram inaugurados na passada segunda-feira, havendo grande frequência, atingindo o número de matrículas, 150 alunos.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltesianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$30
A peste religiosa..... \$40
A Liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Câmara Municipal de Lisboa

Na reunião de ontem da comissão administrativa foram tomadas várias resoluções

Sob a presidência do coronel Vicente de Freitas, reuniu-se ontem a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

O sr. Quirino da Fonseca, aproveitando a presença do sr. Sousa Dias, explicou as questões que o levaram a extinguir a 4.ª repartição. Declara que procedendo assim na ausência do sr. Sousa Dias, que tinha a seu cargo aquele Pelourinho, não teria outra intenção do que organizar os serviços da sua administração municipal, procurando prestar um serviço ao seu colega quando ele reassumisse as suas funções e nunca intervirá no seu poiso era seu amigo de 15 anos. Na prática reconhecerá não poderem igualmente englobar-se numa só repartição os serviços de obras ainda que dirigidos por dois vogais da Comissão Administrativa. Em seguida apresenta a seguinte proposta:

“Não obstante a organização municipal de 1925 ter reunião num só repartição, os serviços compreendidos nas repartições de engenharia e arquitectura, mas demonstrando a prática que o numerosíssimo expediente relativo a estes serviços que por minha proposta anterior se dividiam por duas divisões, não poderia regularmente englobar-se numa só repartição, ainda que dirigida por dois vogais da Comissão Administrativa;

Tendo a honra de propor que a 2.ª divisão dos mesmos serviços passe a constituir a 4.ª repartição com o expediente relativo as Edificações Urbanas e, compreendendo as seguintes secções, como já fôr estabelecido: 1.ª Secção-Expediente; 2.ª secção-Edificações Urbanas e Ocupação de via pública; 3.ª secção-Fiscalização; 4.ª secção-Vistorias, Expropriações e Contenciosos.

Foi aprovada esta proposta.

Honraram os mortos da guerra

O vogal sr. Bivar de Sousa propôs que a Câmara destine a grande praça ou rotunda a construir ao N.º do parque Eduardo VII, e adjacente à rua Marquês da Fronteira, praça essa que será como a ante-câmara da futura zona Florestal de Lisboa, já aprovada por esta Câmara, como local para a avenida erguida o monumento comemorativo dos Mortos da Grande Guerra, podendo essa grande praça tomar o nome de Praça dos Mortos da Grande Guerra.

As águas

Por unanimidade é aprovada a seguinte proposta do vogal sr. Quirino da Fonseca: “Tendo sido nomeada pelo governo, a pedido da direcção da Companhia das Águas, uma comissão para ajuizar das circunstâncias por certo notabilíssimas como é exercida a administração interna da mesma companhia e para cuja comissão, como representante deste município, escolhemos merecidamente o vogal do pelourinho das linhas, Ferreira Lopes; proponho:

que fique consignada a consideração prévia de que o município de Lisboa não julga necessária nem oportuna a verificação daquelas circunstâncias, mas sim analisar em especial a incapacidade da mesma companhia em realizar os fins para os quais foi autorizada a sua constituição, conhecer as deficiências e irregularidades da companhia no cumprimento do respectivo contrato e ainda calcular as suas exigências inadmissíveis quanto à liquidação dos débitos municipais pelo consumo público.

Bairro Social do Arco do Cego

Tendo sido proposta pelo ministro do Comércio a cedência do Bairro Social do Arco do Cego, em conformidade com o decreto publicado pelo mesmo ministro, à Câmara Municipal de Lisboa, aos presidente e vogais dos pelourinhos das finanças e engenharia foram dados os poderes necessários para negocierem esta exércita.”

Impostos municipais

O sr. Ferreira Lopes propôs para que de 1 de Dezembro próximo até 31 de Janeiro de 1927, esteja aberto o córre para a cobrança voluntária dos impostos relativos ao ano de 1927. Fim este prazo, serão os referentes impostos acrescidos de juros de mora.

A extinção da 4.ª Repartição

O sr. Adães Bermudes, presidente da Sociedade dos Arquitectos, acompanhando os seus colegas srs. António do Couto Abreu, Norberto Correia e José Coelho, tendo tido conhecimento de que o capitão de mar e guerra sr. Sousa Dias, que teve a seu cargo o Pelourinho de Arquitectura, havia reassumido as suas funções na Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa, procurou-o ontem nos Paços do Concelho e pediu-lhe para estudar e interessar-se pela representação que à referida Comissão Administrativa fôr entregue e dize respeito à organização dos serviços de arquitectura na Câmara Municipal.

O sr. Sousa Dias prometeu estudar o assunto.

Material de incêndios

O sr. Mardel Ferreira disse que as escadas Magyrs hipomóveis que se acham ao serviço do Corpo de Bombeiros Municipais se encontram em tal estado de conservação que representa um grande perigo o seu aproveitamento e que a pesar desse perigo ainda hoje são aproveitadas para salvamentos de vidas com grave risco para os salvadores e salvados, propondo que se faça desde já a encomenda das duas referidas escadas mecânicas Magyrs, devendo a verba para o seu pagamento ser inscrita no orçamento do ano de 1927 na importância de cerca de 450.000\$00.

Admissão de passoal

A comissão administrativa apreciou depois uma proposta que trata da admissão de novos bombeiros «chauffeurs» em virtude do aumento de viaturas automóveis e que conclui, pelo seguinte:

“Que o quadro de bombeiros não aquartelados seja reduzido a 180 homens, isto é, 50 de 1.ª classe, 50 de 2.ª classe, 75 de 3.ª e 5 aspirantes e que o quadro do pessoal aquartelado fique constituído por 20 de 1.ª classe, 45 de 2.ª, 250 de 3.ª e 5 aspirantes, continuando, portanto, os dois quadros a conservar o numero actual de homens, sendo o comando do corpo de bombeiros municipais de Lisboa, desde já, autorizado a fazer a admissão do pessoal aquartelado conforme as exigências do serviço.”

Solidariedade

A festa efectuada pelo grupo dramático Solidariedade Proletária, no dia 14 do corrente, teve a despesa de 303.85\$, e a receita é agora obtida atingiu apenas a quantia de 246.80\$.

O grupo promotor apela para os sindicatos para quem enviou bilhetes a fim de reterem, com a maior urgência, a respectiva importância.

Realiza-se amanhã pelas 21 horas, no Sindicato Único Metalúrgico, uma festa em auxílio de Joaquim Pais Júnior, que foi condenado no tribunal da Boa-Hora, na multa de 400.000 por delito social. Os organizadores da festa pedem aos seus camaradas a sua comparsaria nesta festa de solidariedade.

A CABO DE SAIR:

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro

livro de Trabalho, com dezenas de gravuras.

A obra é de 650\$00, e a reemborsa de 750\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Carvalho, editor, Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29, e à Administração de A Batalha, Calçada do Combro, 33-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

Leiam o Suplemento de A Batalha

TEATRO AVENIDA

Teatr. II. 4395

O teatro mais popular de Lisboa

SÁBADO, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem rival em lisboa e o único

teatro que explora com êxito e agradável

o gênero da comédia musical

O monumental «vaudeville»

O Dr. da Mula Ruça

TEATROS

Ainda e sempre «O Paralítico»

«O Paralítico» continua a ser a peça preferida pelo público. Hoje é a 31.ª representação da empolgante peça em que Alves da Camha tem um trabalho admirável e Carlos de Oliveira afirma as suas qualidades de grande actor.

«O Paralítico», pode afirmar-se, é um acontecimento teatral de nomeada.

A reabertura do Variedades

O Teatro Variedades reabre hoje as suas portas ao público. A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a única que vêmos ter exclusivamente destinada as representações das melhores e mais alegres comédias e farças, dá-nos ali dois espetáculos

por sessões, e a preços reduzidos com a finta e engraçada comédia «Era uma vez uma menina...», cuja heroína, interpretada maravilhosamente pela formosa actrizinha Maria Helena, nesse endiabrado papel de «Oui», tem feito o seu nome em todo o país, nas ilhas e no Brasil, sempre com os maiores aplausos de todas as plateias. «Era uma vez uma menina...» que é a peça das raparigas, dos rapazes, das senhoras e dos homens, é ainda desempenhada nos demais papéis pela grande actriz Maria Matos, Maria Lagôa, Maria de Lima, António Palma, Santos Melo, José Gamba, João Lopes e Joaquim Miranda, elementos seguros do nosso teatro de comédia.

«O Dr. da Mula Ruça»: reaparece amanhã

E amanhã que reaparece, no Avenida, o popular e querido actor Estevão Amarante que, por motivo de doença, há dias que não pode trabalhar. Representa-se o «vaudeville» «O Dr. da Mula Ruça», tão ansiosamente aguardado pelo público.

«O Príncipe Orloff»

O público, encorajado por completo todas as noites o teatro São Luís, fazendo as mais calorosas ovacões, rindo de vontade constante, é unanimemente que há muito se não vê em palco português um espetáculo que prenda e encante o espírito, apresentado com tanto grande magnificência e exuberância, como o «Príncipe Orloff», linda opereta ultra-moderne, com as suas surpresas e novidades de montagem, de encenação, de cenários, de efeitos de luz.

«Mouraria», amanhã no Apolo

Ficou transferida, em virtude da

A BATALHA



CARTA DO PORTO

Os acidentes no trabalho e a assistência "Mundial" ...

PORTO, 23.—A odisseia dos sinistrados é interminável dolorosa. Não podemos, por isso, largar mão dessa tragedia tão duramente repassada de plantuosa tristeza.

Hoje vamos-nos referir à seriedade da testa curiosa que costuma envolver a meada dos tribunais dos acidentes no trabalho. E pela descrição rápida da gravidade da justiça que se emprega para com os desgraçados que a ela confianteamente se acohem, se poderá apreciar das belezas utilitaristas que o reformismo social do nosso Estado democrático, da nossa moderna sociedade civilizada, nos inovou na mecânica desconjuntada das regalias vestidas que usufruimos...

A reclamada era a famosa Companhia "A Mundial", a única invencível nos recordos questionários do tribunal. E' uma permanente luta de esbulhos entre ela e os seus seguidos.

O reclamante era um pobre descarregador de Vila Nova de Gaia. Estando no desempenho do seu árduo trabalho, caiu, juntamente com uma bomba de 30 quilos, a bordo de uma barca, resultando ficar com o pulso direito fortemente contundido.

Após uns 14 dias de paciente tratamento no respectivo posto de "A Mundial", deram-lhe alta—porque mundialmente está conhecidíssimo que naquela Companhia nunca deixou de existir aquela prodigiosa celebridade com que se aviam os doentes à ta minute... Os interesses capitalistas da sociedade têm de ser escrupulosamente aventureados, sem o que não poderiam os fáculos cogimelarem-se pelas excentricidades do orgulho e dos espaventos...

Os protestos, as reclamações, do sindicato sobsoaram de encontro à penedida justiça das razões intangíveis do clínico. Se dizia que estava curado, é porque estava, Rua, portanto.

Algum, todavia, não se conformou com o estado sanitário do braço turgescido, deformado. Aconselhou o acidentado a que recolhesse, como indigente, ao Hospital Geral de Santo António.

Uma vez no hospital, a Ciência de lá reconheceu que aquilo estava tão conscientemente encaminhado, que outro remédio não havia do que sujeitar-se ao martírio de uma magarélica amputação... O infeliz bem intimamente chorou pelo bocado que lhe iam fanar, mas teve de se confortar com o aparentamento cirúrgico do pedaço de carne, de tenões, dos ossos que assim tão inexoravelmente lhe arrancavam...

A saída escaparrou tudo: fôde aquela desgraça que vira mutilar o desgraçado descarregador; tivera origem no desastre que tivera no trabalho... e desenvolviu-se, putrefacente, nos bons e profundos conhecimentos de tecnologia-enfermeirica proficientemente demonstrados no posto de socorros da rua Duque de Loulé...

O sinistrado, em presença dos factos irremediavelmente consumados, espevitou este único recurso: apelar para a justiça retorica de um tribunal arcaico, onde a maioria preponderante das Companhias, dos seus médicos aliados e dos patrões faz pender sempre o fio da balança para o lado contrário dos infelizes—onde a diminuta pauta operária a maior parte das vezes esgrima... contra os moinhos da utilidade, da ridicularidade...

Em defesa da Companhia em referência estive um médico que afirmam ser accionista e gerente da dita empresa. E', se não enganamos, o sr. dr. Gomes da Costa. As perguntas sacramentais que o juiz presidente do tribunal lhe fizeram—as de se juntava dizer a verdade, se era amigo ou inimigo do reclamante ou da reclamada, se tinha algum interesse na causa em trânsito—só a primeira respondeu afirmativamente. Dizer a verdade diria, mas ser inimiga ou amiga da Companhia, ter qualquer interesse na questão, isso é que não... Não conhece o que venha a ser isso...

O que nos causa espanto, é que sendo um médico de "A Mundial", e de mais a mais com uma postura hierárquica lá na casa, não confeça a mesma "A Mundial", não se interesse por ela quando deve ter interesses ligados à sua prosperidade capitalista...

Para mais distintamente se inferir da imparcialidade impecável de toda esta representação magistral, basta dizer ainda que foram depôr: um empregado superior da Companhia, que igualmente não é amigo dela; e o sr. dr. Sousa Feiteira, o qual, embora aquela hora tivesse uma alívio de clientes à espera dos seus serviços especialistas raios-xisistas, teve a magnanimidade de descurar os seus interesses para, desinteressadamente, imparcialmente, ir dizer da sua justiça contra o sinistrado e em defesa da Companhia, da qual, possivelmente, é accionista...

Foi uma tal isenção de parcialidade, que levou os referidos médicos a quererem demonstrar o engano, a falta de precisão, dos diagnósticos e dos tratamentos dos outros seus colegas. «Se os médicos assistentes do hospital—soubessem que o descarregador tinha sofrido um desastre no trabalho, dar-lhe-iam um outro tratamento e não lhe cortariam o braço sem autorização da Companhia e sem ouvir a opinião do seu médico»—do dr. sr. Gomes da Costa, por exemplo...

Quer dizer: empalhava-se, como o costume, o doente até o afugentarem por qualquer maneira. Mas como as coisas se passaram de forma diferente, mastigaram, titubaram diversas tangentes, esforçando-se por garantir que o sinistrado sobre, e já sofria, antes do desastre, de tuberculose óssea—para assim fugirem ao deviço. Mas como o presidente do tribunal relembrasse que os desastres são causa também muitas vezes da reactivação de doenças, adormecidas, então sempre se resolviam os drs. sr. Gomes da Costa e Sousa Feiteira, éste ainda não há muito um simples endireita, a... acordar com uma tal possibilidade.

O primeiro clínico ainda tentou, esgrimindo uma documentação muito particularmente sua, demonstrar que o sinistrado não tivera traumatismo. O tribunal, porém, estava da posse de um documento oficial do Hospital Geral de Santo António em como testava inidividuamente que o amputado

A PROPÓSITO DO CONCÍLIO...

DESUMANIDADE DO CATOLICISMO

Não! Nós não queremos a Bíblia, nem o dogma, exactamente porque não acreditamos, numa verdade... revelada, que só pode sair da boca dum Deus que ninguém ainda viu, nem ouviu; que, Todo poderoso, podendo, por consequência, dar pão a todos e evitar misérias, doenças e crimes, deixar morrer tantos dos seus filhos à fome, na penúria, na força e nas prisões; tantos inocentinhos, sem delitos e sem pecados, de tifos, de bexigas, de sarampos e de tuberculose, nos, vãos dos portais, ao frio, à chuva e à miséria, ou, de agonia inenarrável, nos braços desolados de suas mães, e que, ainda por cima, nos dias em que acordava de má catadura, se pôe a verter águas em dilúvios, a fazer as suas necessidades em catacismos, aos sopros, que produzem pestes, e aos berros, que produzem guerras, deixando-se depois cair, como disse Vitor Hugo, feliz e consolado, «no seu futeu à Voltaire!»

«Pris d'un rhumatisme incurable à l'échine, Après avoir crues le monde et la machine»

«La fleur, l'oisseau, la femme et l'abeille et la terre, Dieu s'est laissé tomber dans son fauteuil Voltaire!»

Não! Nós não queremos uma liberdade que, mas do que irrecôndivel, é impossível coexistir com o catolicismo, porque o catolicismo, quando não é um hospital de doidos furiosos, é uma jaula para o corpo, para a consciência e para o espírito, uma faipeira de ciganos sem escrúpulos, e um covil de assassinos sem entradas.

Não! Nós não queremos uma religião que durante catorze séculos matou biliões de criaturas humanas, e fez correr sobre a Terra rios e rios de sangue.

Não! Nós não queremos uma religião que se inventou e se impôs por meio de torturas e suplicios infernais da Santa Inquisição, e que em várias épocas da História converteu a Europa numa fogueira colossal, e uma grande parte da Humanidade numa enorme montanha de torresmos.

Não! Nós não queremos uma religião que é um suicídio intelectual e a abdicação das mais brilhantes faculdades do nosso espírito, nem admitimos uma fé que é um acto de loucura e a renúncia da dignidade humana.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres,—nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Sylabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão *prostituída* pelo Diabo, e «maldiva mania de pensar», à liberdade do pens